

>>> **DEMOCRACIA SIM**

ADUA-SS e ANDES-SN reforçam luta contra o fascismo nas universidades

FOTO: MARCELA VILAR



Anderson Vasconcelos

“Se fere a minha existência, eu serei resistência”. A mensagem que tem sido a tônica de quem tem se posicionado firmemente nas redes sociais contra o fascismo, em virtude do crescimento da “onda” de ódio e violência após o resultado do 1º turno das eleições para presidente do Brasil, também pode ser a síntese do posicionamento adotado pela categoria dos professores local e nacionalmente.

Marcado por uma polarização acentuada, boataria, desrespeito à dignidade humana e com registro de uma série casos de violência com motivação política pelo país afora, o pleito tem revelado uma forte ameaça fascista. Esse sinal, que já vem invadindo o espaço acadêmico nos últimos tempos, levando inclusive a criação de uma comissão especial para tratar sobre o tema, tem

ganhado ainda mais intensidade. As universidades públicas – tidas como espaços libertários e abrigo da diversidade de saberes e da pluralidade de ideias – tornaram-se uma arena.

Por isso, a Seção Sindical dos Docentes da Universidade Federal do Amazonas (ADUA-SS) e o Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior (ANDES-SN) repudiam veementemente o aumento da intolerância, provocada por discursos de ódio contra as minorias, partidos e a tudo que se apresenta como diverso do padrão social e culturalmente constituído.

Em [nota política](#) recém-publicada, após a reunião conjunta do Setor das Instituições Federais de Ensino Superior (Ifes) e das Estaduais e Municipais (Iees/Imes), no dia 18 de outubro, o ANDES-SN ressalta que não vai tolerar tal comportamento. “A escalada da vio-

lência e a intolerância política tem sido uma tônica na atual conjuntura, com proliferação de fake news e ataques violentos organizados por grupos ligados à extrema-direita”.

“A barbárie só pode ser combatida com a máxima unidade, constituindo frentes antifascistas e pautando uma agenda de defesa ampla das liberdades e dos direitos. Por isso tudo, neste segundo turno das eleições gerais do Brasil, não podemos titubear sobre nossa posição histórica contra o fascismo e as opressões. É necessário que possamos nos posicionar contra o projeto de governo que ataca a educação pública, a saúde pública, os direitos do(a)s trabalhador(a)s e as liberdades democráticas”, diz trecho da nota.

No [mesmo texto](#), a categoria se posiciona contra o voto branco e o voto nulo. Através do documento, o ANDES-SN

também convoca todas as seções sindicais a fortalecerem as lutas, nas urnas e nas ruas, para derrotar o fascismo que tem crescido na sociedade e, em especial, nas universidades.

Um dos últimos casos foi registrado na Universidade Federal do Paraná (UFPR). Um estudante, que usava um boné com a marca do Movimento dos Sem Terra (MST), foi atacado por um grupo de homens aos gritos de “[aqui é Bolsonaro](#)”. Cerca de 15 pessoas vestidas com a camisa da torcida da Império, do clube Coritiba, atacaram o jovem. Na ação, vidros da Biblioteca Central da Reitoria foram quebrados.

Uma semana, três casos na Ufam

A Ufam também entrou nesta estatística negativa. Em menos de uma semana, três casos de violência dentro da instituição já fazem disparar o alerta pela necessidade de combater essa prática. Primeiro foi um professor da Faculdade de Letras (FLet), atacado dava aula em uma disciplina do curso de Língua Espanhola. Um de seus alunos atirou uma mesa contra o docente, e, apesar de ter sido contido pela turma, ainda tentou continuar as agressões. Na ocasião, a ADUA-SS emitiu uma nota de repúdio.

“Tu é ‘Ele não?’”, perguntou um rapaz, que não foi identificado, antes de agredir uma estudante enquanto ela esperava o transporte público na entrada do campus universitário da Ufam, dois dias após a agressão sofrida pelo docente. O caso veio a público após os pais da graduanda publicarem um desabafo nas redes sociais, posteriormente divulgado por blogs e portais locais, em que contaram que o agressor feriu a perna da estudante com graveto e lamentaram os rumos que o país está tomando.

Quatro dias depois, um professor do Instituto de Filosofia, Humanas e Ciências Sociais (IFCHS) foi agredido. “Insatisfação, insegurança e medo tornaram-se sentimentos comuns na vida universitária. Nesse ambiente começam a surgir grupos de indivíduos que dão vazão a suas angústias por meio da violência. Assim é que a agressão fisi-

ca e verbal a estudantes, professores e professoras vem crescendo dentro das universidades”, diz trecho da nota publicada pela ADUA-SS.

Em virtude dos recentes casos de violência contra professores, inclusive em sala de aula, e estudantes da Ufam, a Seção Sindical decidiu, por meio de Assembleias realizadas nos dias 15 e 16 de outubro em Manaus, Humaitá e Parintins, criar [uma frente antifascismo na instituição](#), com intuito de promover a defesa da democracia e da liberdade dentro e fora do Campus Universitário.

A categoria também deliberou por exigir da Administração Superior da Ufam a imediata apuração dos casos, com consequente punição dos agressores. Os docentes também conseguiram aprovar, três dias depois, no Conselho Universitário (Consuni) da Ufam uma moção de repúdio aos ataques de motivação política.

“Em nome da autonomia do sindicato, que é marcado historicamente por sua independência em relação a governos e partidos, o ANDES-SN se posiciona contra o fascismo. E na defesa da construção de frentes únicas o fascismo, o sindicato toma lugar nesta conjuntura e assume aquilo que está previsto nos seus estatutos, que a finalidade classista e, portanto, não político-partidário”, disse o presidente da ADUA-SS, Marcelo Vallina.

O 1º vice-presidente da ADUA-SS, Luiz Fernando Souza, afirma que o fascismo é manifestação ligada com a materialidade das contradições de classes da sociedade capitalista. Além disso, é a expressão do reacionarismo pela via da irracionalidade, segundo o docente.

“Na conjuntura atual, esta condição da materialidade da formação da nação num contexto de crise econômica e política, explode na forma de ódio (xenofobia, misoginia, LGBTfobia, racismo, intolerância política). Para não mergulharmos no poço sem fundo da barbárie, é preciso enfrentar as forças reacionárias-fascistas e, ao mesmo tempo, enfrentar a questão nacional”, afirma.

A historiadora e professora da Ufam, Patrícia Melo, analisou que esta-

mos diante de um cenário muito complexo de desinformação, que se soma perigosamente a um antipetismo difuso de muitas origens e um bombardeio sistemático de discussão e ódio. “O fenômeno do fascismo é algo tão assustador porque vai de encontro a algo que é primário: ele ativa o desejo da projeção em função de um medo irracional, que está posto e acionado por alguém. É muito impactante saber que de cada cinco pessoas, duas, três apoiam esse tipo de pensamento. É preciso restabelecer o bom-senso”, afirma a docente.

Em seu perfil no Facebook, o cientista social e professor da Ufam, Marcelo Seráfico, alerta que a promoção da violência atinge a todos, inclusive àqueles que não se percebem como vítimas dela. “Espero que a maioria das pessoas entenda que estão em jogo no Brasil duas visões de sociedade que levam a modos de agir muito distintos: o neo-fascismo, que admite o extermínio da diferença como modo de resolver conflitos, e o democrata-liberal, que aposta em instituições mediadoras. Precisamos da democratização da cultura, da política, da economia. Não de impor bloqueios a ela”, escreveu.

Ações pela Democracia

A Comissão Anti-Fascismo, formada por docentes, estudantes e técnicos da Ufam, já está em ação. Em [Parintins](#), a frente promoveu uma mesa sobre “A crise da educação e ampliação das desigualdades”, no dia 17 de outubro, colocando no centro do debate temas como “Escola Sem Partido x Escola Sem Mordada”; “O Humanismo e a falta de significação”; “O Sucateamento da Universidade Pública”; e “O Neoliberalismo e a crise da educação”, entre outros.

Em [Manaus](#), integrantes da frente marcou presença no ato “Arte na Praça, fascista não passa!”, realizado no dia 20 no Largo São Sebastião. E já preparam participação em um Ato Político Cultural, na entrada do campus da Ufam, agendado para o dia 23 de outubro. A categoria avalia que, nessa conjuntura regressiva, é preciso aumentar a mobilização e a vigilância.

>>> VIOLÊNCIA NA UNIVERSIDADE

Denúncias de assédio na FIC e na Geografia reacendem debate na Ufam

Annyelle Bezerra

Nos últimos quatro anos, 99 casos de assédio moral e sexual foram denunciados à Ouvidoria da Universidade Federal do Amazonas (Ufam). O número de casos de assédio sexual, segundo o ouvidor Carlos Moisés Medeiros, só não é mais expressivo porque os manifestantes, muitas das vezes, classificam a denúncia com nomenclaturas equivocadas, contribuindo para que casos de assédio sexual sejam, por exemplo, registrados junto ao órgão como assédio moral, entre outros tipos. Fato corroborado pelas estatísticas: dos 99 casos denunciados, no período, apenas nove foram classificados pelos demandantes como assédio sexual.

“A maior parte dos casos que o manifestante classifica como assédio moral é, na verdade assédio sexual, mas quem estabelece o teor da manifestação é a pessoa. No item conduta docente, por exemplo, também tem assédio, mas as pessoas não classificam direito”, afirma o ouvidor.

Para a 2ª Vice-presidente da Seção Sindical dos Docentes da Universidade Federal do Amazonas (ADUA-SS), professora Milena Barroso, com experiência nas áreas de Feminismo, Gênero e Violência contra Mulheres e pesquisadora do Desenvolvimento e Violência Contra as Mulheres na Amazônia Brasileira, é necessário chamar a atenção para a inadmissibilidade da responsabilização das vítimas pela dificuldade do registro.

“A própria literatura existente sobre Assédio Sexual destaca a dificuldade da caracterização do crime de assédio por parte das instituições sociais. Isso ocorre porque elas têm fundamento no nosso padrão cultural que legitima comportamentos sexuais misóginos

por parte do homem, e termina por não incriminar a conduta do agressor, tratando o assédio como um problema nas relações de trabalho, e não como uma violência contra a mulher, ou contra a vítima de assédio”, afirma.

O assédio é conceituado como todo o comportamento indesejado, nomeadamente o baseado em fator de discriminação, praticado quando do acesso ao emprego ou no próprio emprego, trabalho ou formação profissional, com o objetivo ou o efeito de perturbar ou constranger a pessoa, afetar a sua dignidade, ou de lhe criar um ambiente intimidativo, hostil, degradante, humilhante ou desestabilizador.

Dados da pesquisa “Violência Contra a Mulher no Ambiente Universitário”, realizada pelo Instituto Avon e Data Popular, entre setembro e outubro de 2015, revelam números alarmantes do cenário agressivo imposto às mulheres brasileiras no ambiente acadêmico. Questionadas se já haviam sofrido violência (sexual, psicológica, moral ou física) nas dependências da instituição de ensino superior em que estudavam, 10% relatou espontaneamente que sim, número que subiu para 67% quando as alunas foram estimuladas com uma lista de violências. Entre as universitárias entrevistadas, 56% havia sofrido assédio sexual; e 28% já havia sofrido violência sexual.

A pesquisa entrevistou 1.823 universitários de todo o país (60% mulheres e 40% homens). O estudo mostra ainda que os homens não perceberam as práticas como violentas. Para 27% deles não é violência abusar de uma garota alcoolizada; 35% não reconhecem existir violência em coagir mulheres a participarem de atividades degradantes; e 31% não veem problema em repassar fotos ou vídeos das colegas sem autorização.

Resistência

Na Ufam, se a subnotificação de práticas abusivas ainda é um obstáculo, o entendimento por parte da comunidade acadêmica de que o debate e o combate a essas violações são urgentes e necessários já está consolidado. Na última semana de setembro, um grupo de estudantes do 2º período da Faculdade de Informação e Comunicação (FIC) denunciou a Ouvidoria da instituição, por meio de uma Carta de Repúdio, o assédio sexual praticado por um professor substituto. Toques não consentidos, tratamentos íntimos e constrangimentos como cheirar os cabelos das alunas estiveram entre as investidas do assediador relatadas pelas quatro estudantes.

O caso na FIC ocorre apenas três meses após as alunas do Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGEO) da Ufam relatarem, durante reunião do colegiado do Departamento de Geografia (Degeo), o assédio sexual praticado por um professor do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (Inpa) à época credenciado ao programa.

Em entrevista concedida à ADUA-SS, em julho deste ano, Medeiros já destacava que o caso envolvendo as estudantes do PPGEO estava longe de ser um fato isolado, tendo ocorrido neste ano, inclusive um caso de estupro envolvendo discentes, dentro da Ufam. O caso, tratado como sigiloso, segue sendo apurado por meio de sindicância, segundo o ouvidor, que classifica a situação como lastimável, tendo em vista ter ocorrido numa instituição de ensino.

Novo caso

Reportagem veiculada pelo Portal A Crítica, no dia 28 de setembro deste ano, aponta que no documento encaminhado à Ouvidoria, os alunos e alunas da

FIC afirmam que já durante o primeiro período do curso, o professor substituto “tornava perceptível seu comportamento inapropriado e irresponsável dentro e, até mesmo, fora de sala”. A reportagem diz ainda que, o docente, conforme relatos presentes no documento, teria pedido que a turma criasse um grupo no WhatsApp. Na carta de repúdio os discentes afirmam, segundo o Portal, que após ter o número das alunas ao alcance, “conversas inadequadas foram surgindo por parte do professor no WhatsApp e na sala de aula os comentários e exemplos somente foram escalando para assédios cada vez mais notáveis”.

Uma estudante do curso, que preferiu não se identificar, afirma que uma colega ao ser assediada de “forma pesada” pelo docente, via WhatsApp, recorreu à Coordenação, relatou o assédio e uma reunião foi realizada com a turma para checar o fato. “As meninas fizeram relatos, a turma toda narrou o desconforto generalizado sentido pela classe”, disse, destacando que considera a Ufam omissa em relação aos recorrentes casos de assédio ocorridos na instituição.

“Como estudante considero o assédio uma das violências mais graves que nós podemos sofrer, porque ela é muito naturalizada e acontece num ambiente onde nós vamos para adquirir conhecimento. Receber esse tipo de tratamento é muito triste e constrangedor. Como mulher que milita dentro do movimento feminista considero um absurdo esse tipo de prática. E não deve ser tolerada. É algo que precisa ser muito debatido e denunciado. Eu me vejo na responsabilidade de lutar para que essas práticas cessem. É o meu primeiro ano na Ufam e sempre que ocorre uma situação do tipo, eu já destaco que é preciso fazer alguma coisa”, afirmou.

Cartazes contra a prática foram espalhados pelas alunas, em forma de protesto, próximo ao Bloco Mário Ypiranga, na Ufam, assim como em uma sala de aula. Frases como, “Assediador só nos respeitará quando for punido. Justiça”, “A culpa não é

nossa! Queremos Justiça”, “Dar em cima de alunas não é normal. É crime”, estão entre as publicizadas pelas estudantes pelos corredores.

Em Nota de Esclarecimento publicada, no último dia 29 de setembro, no Facebook, a FIC afirma que o “professor acusado” foi substituído e que a disciplina passaria a ser ministrada por outra docente para que as investigações não prejudiquem o andamento da disciplina. A Nota diz ainda que a direção da FIC decidiu abrir um processo disciplinar e constituiu uma Comissão de Sindicância para apurar responsabilidades.

Segundo a estudante ouvida pela ADUA-SS, além da publicação, as discentes também foram procuradas pelos coordenadores da FIC e informadas de que o docente havia sido afastado do curso e que uma sindicância havia sido instaurada. No dia 5 de outubro, a turma teve a primeira aula com a professora designada para substituir o professor afastado.

Questionada sobre a possibilidade de levar o caso para a esfera judicial, a estudante informou que o grupo de alunas vem conversando sobre a questão, uma vez que há informações sobre a prática de assédio pelo professor, em outra universidade.

Não vão nos calar

Em junho deste ano, através da criação de um perfil no Facebook, com o aviso “Não vão nos calar”, em tom claro e direto, as estudantes do PPGEO Ufam também chamaram a atenção para os casos de assédio ocorridos no programa. Com uma campanha de repúdio contra as práticas abusivas ocorridas na Ufam, as alunas militaram em defesa de respostas efetivas da universidade e pelo fim do silêncio e da impunidade.

Com 2.066 amigos o perfil coletou e publicizou diversas mensagens exemplificando a maneira como as estudantes eram “abordadas” pelo docente que nunca teve o nome revelado. Em um vídeo publicado no fim de junho, as estudantes também cobraram de forma pública a reitoria da Ufam. A postagem até

o dia 1º de outubro deste ano já contava com 559 compartilhamentos e 15 mil visualizações. “Eu quero assumir publicamente, diante dessa grave denúncia, o compromisso enquanto administração superior de levar adiante esse caso. Precisamos coibir na universidade esse tipo de comportamento. Isso é crime!”, disse, na época, o pró-Reitor de Extensão, professor Ricardo Bessa Freire, acrescentando que práticas dessa natureza devem ser registradas na Ouvidoria da instituição para que sejam apuradas.

No dia 12 de junho, o docente acusado de assédio foi descredenciamento do PPGEO, por unanimidade, pelo colegiado do Departamento de Geografia (Degeo). Com a quebra de vínculo com a Ufam e levando em consideração a gravidade do caso, segundo o ouvidor da Ufam, todas as manifestações e documentos anexados pelos manifestantes foram encaminhados pela Ouvidoria a reitoria da Universidade. Juntamente com o material, o órgão suplementar solicitou que um ofício fosse enviado à direção do Inpa dando ciência de todas as denúncias relacionadas ao servidor do instituto para que providências fossem tomadas. Em âmbito interno, o ouvidor destacou ainda que recomendou o envio de um memorando para a Propesp comunicando o ocorrido e pedindo o descredenciamento do docente de todos os programas de pós-graduação a que o mesmo estivesse vinculado. “Tudo que a Ouvidoria faz é solicitar, pois o ouvidor não é autoridade competente”, explicou Medeiros, na época.

Na ocasião em que o caso de assédio no PPGEO veio à tona, a página oficial da Ufam republicou na seção de destaque do site da universidade uma notícia de agosto do ano passado em que a reitoria afirma que “busca combater a prática na instituição”. Desde maio deste ano, existe na Ufam, a Comissão Executiva do Acordo de Cooperação Técnica para a Criação de Mecanismos de Atenção, Prevenção e Combate ao Assédio Moral (Cecam). A Reitoria foi procurada, mas até o fechamento desta edição não respondeu.

>>> BANDEIRA DE LUTA

ADUA-SS lança campanha contra toda forma de assédio na Ufam

Annyelle Bezerra

Comprometida com a intensificação do debate sobre assédio no espaço das Instituições de Ensino Superior (IES), a Seção Sindical dos Docentes da Universidade Federal do Amazonas (ADUA-SS) lança, neste mês de outubro, a Campanha “não é não!” destinada ao combate de todas as formas desta violência na universidade. Com caráter contínuo e desenvolvimento de atos periódicos, a ação será uma das bandeiras encampadas pela atual gestão ao longo dos próximos dois anos.

Segundo a 2ª Vice-presidente da seção sindical, Milena Barroso, a proposta não é uma atividade isolada, uma vez que o ANDES-SN, por meio do Grupo de Trabalho de Políticas de Classe, questões étnico-raciais, Gênero e Diversidade Sexual (GTPCEGDS) vem pautando esta questão, tendo inclusive lançado uma campanha sobre o tema, com divulgação de cartazes, adesivos, de um vídeo informativo e de uma cartilha atualizada.

“Entendemos o assédio como uma violência, expressão das relações de exploração-opressão da sociedade patriarcal-racista-capitalista. Os sindicatos têm um papel importante na sua desnaturalização. Apesar da resistência histórica em tratar a questão, oriunda do próprio heterossexismo e do racismo presente na sociedade, nossos sindicatos veem nos últimos anos buscando enfrentar o debate, tirando o ‘véu’ que envolve o tema e problematizando os seus fundamentos”, afirma a diretora.

A ADUA-SS discute e milita, há alguns anos, sobre a necessidade do enfrentamento ao assédio por parte de toda a comunidade acadêmica. Em setembro de 2016, o jornal da seção sindical relatou casos de assédio sexual

na universidade e ouviu vítimas e pesquisadores. A reportagem noticiava a criação de um Grupo de Trabalho (GT) pelo Conselho Universitário (Consuni) para definir políticas de combate ao assédio sexual na Ufam, constituindo uma rede de apoio a mulheres assediadas. Em julho deste ano, relatos de estudantes do Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGEO) denunciando que um professor do Programa vinha reiteradamente praticando assédio, reacendeu o debate sobre a urgência do fim do silêncio e da impunidade.

A Campanha

Destinada aos três segmentos que compõem a Ufam - docentes, técnico-administrativos e discentes - a Campanha “não é não!” da ADUA-SS busca por meio de cartazes e camisetas com abordagem direta e crítica desnaturalizar a prática do assédio que se expressa tantas vezes em LGBTTFobia, sexismo e racismo nos corredores, laboratórios e salas de aula da universidade. Além disso, a atividade almeja incentivar a formalização de denúncias por meio do Ligue 180, disque-denúncia criado pela Secretaria de Políticas para as Mulheres da Presidência da República (SPM-PR) e que possibilita o envio de denúncias para a Segurança Pública com cópia para o Ministério Público de cada estado.

Na primeira fase da campanha serão distribuídos, às unidades acadêmicas, pelo menos dois kits com dez cartazes cada contendo frases como: “Formação acadêmica não é passe

livre para assédio”, “Não é não! Assédio não é paquera”, “Não seja cúmplice. Apoie a vítima”, “Feio é o seu preconceito. Assédio contra transexuais e travestis é crime!”.

Milena afirma que a intenção ao evidenciar o problema por meio de cartazes é dar voz às vítimas e ao mesmo tempo, levando em conta o aspecto educativo da campanha, mostrar à comunidade acadêmica o impacto nocivo do assédio. “São danosas as consequências do assédio, desde o isolamento, depressão, ansiedade, pânico, sofrimentos dos mais diversos, até o suicídio. No espaço universitário, são comuns o desestímulo e o abandono de curso por estudantes, e o afastamento das trabalhadoras e dos trabalhadores de suas atividades funcionais”, explicou, destacando que durante o 37º Congresso do ANDES-SN, em janeiro deste ano, um importante passo foi dado no combate ao assédio nas instâncias deliberativas do Sindicato Nacional, com a inclusão de um novo capítulo no estatuto da entidade que prevê a instituição de uma comissão de enfrentamento ao assédio na plenária de instalação nos próximos Congressos e Conads.



FOTO-MONTAGEM: RAFAEL MIRANDA

>>> RÁPIDAS

Docentes se posicionam contra o projeto fascista

“O ANDES-SN reafirma a sua luta histórica contra o projeto fascista e de extrema direita, o projeto ultraliberal e as ações de ódio que estão sendo difundidas pelo Brasil. Este sindicato se integra às frentes antifascistas suprapartidárias, criadas nos Estados e nas instituições públicas de ensino superior, e se posiciona contra o voto nulo e em branco no segundo turno das eleições”. O posicionamento integra a nota política do sindicato aprovada, no último dia 18, na reunião conjunta da categoria.

ADUA-SS apoia abaixo-assinado contra o assédio

Após alunos do curso de Ciências Sociais e do Diretório Acadêmico de Geografia manifestarem, em Assembleia Geral, no último dia 16, preocupação em relação aos casos de violência ocorridos contra docentes e discentes na Ufam, a ADUA-SS uniu forças ao coletivo “Basta de Impunidade” e disponibiliza um abaixo-assinado, que tem entre as reivindicações a apuração dos casos. O documento está disponível na sede da entidade que funciona de segunda a sexta-feira, das 10h às 16h.

Sai resultado final da escolha do selo da ADUA-SS

Foi definida a colocação final das artes do concurso cultural “40 Anos ADUA” para escolha do novo selo do sindicato. Os desenhos foram postos para votação popular de 18 a 26 de outubro na página oficial do ADUA-SS no Facebook (/adua.andes). O grande vencedor do concurso foi o estudante de Artes Visuais Ronan Marinho de Aquino, de Parintins. O selo criado pelo discente recebeu 291 curtidas contra 191 do segundo colocado e 102 do terceiro. A premiação ocorrerá no próximo dia 1º, às 19h, no auditório do sindicato, no Campus Universitário.

ADUA-SS completa 39 anos de luta e dá início às festividades dos 40 anos

A ADUA-SS, seção sindical do ANDES-SN, completou no dia 28 de outubro, o seu 39º aniversário de fundação, uma história marcada por resistência e luta em defesa dos docentes da Ufam e de uma universidade pública, gratuita, de qualidade e socialmente referenciada. Prestes a completar quatro décadas de militância, a ADUA ‘Véia de Guerra’ deu início às festividades de seu natalício, no mês passado, com o lançamento do Concurso Cultural “40 Anos ADUA”.

Composta por quase mil sindicalizados, a seção sindical foi fundada em 1979, em Assembleia Geral no auditório da Faculdade de Estudos Sociais, na Rua Monsenhor Coutinho. A ADUA-SS teve seu Estatuto discutido, capítulo por capítulo, naquele mesmo dia. A sessão, aberta pelo professor Aloysio Nogueira, à época presidente da Associação Profissional dos Professores do Amazonas (APPAM), contou com a participação de 35 docentes, que subscreveram a ata de fundação da entidade.

“A ADUA nasceu da resistência à Ditadura Civil-Militar, ao completar 39 anos tem que enfrentar um desafio complexo que resulta da decepção e crise da democracia liberal e nos coloca à beira de uma ditadura de novo tipo e do consequente desmonte da universidade pública e laica, portanto, a palavra de ordem que se impõe será resgatada daquele outubro de 1979: RESISTIR! e isso faremos. Feliz Aniversário à ‘Véia’ de Guerra”, disse o presidente da ADUA-SS, Marcelo Vallina.

>>> AGENDA

Seminário “Desafios para o Sindicalismo na Conjuntura Atual”

“Desafios para o Sindicalismo na Conjuntura Atual” é o tema do seminário a ser realizado pela ADUA-SS no dia 31 deste mês, das 9h às 18h, no auditório do sindicato. O seminário é aberto à comunidade universitária. Às 9h, o presidente do ANDES, Antonio Gonçalves, abordará o tema “Organização Sindical e o Ataque às Universidades Públicas”. A partir das 15h, a 1ª secretária do Sindicato Nacional, Caroline Lima, apresentará a palestra “Assédio na Universidade: O que significa e como pode ser enfrentado”. No encerramento do seminário será feita a apresentação e o lançamento da campanha “Não é Não - ADUA contra toda forma de assédio” com a distribuição de camisetas e cartazes para o público.

Crad e Diretoria da ADUA-SS se reúnem no dia 1º

O Conselho de Representantes das Unidades (Crad) foi convocado para a reunião ordinária do segundo semestre de 2018, com a diretoria da ADUA-SS, no dia 1º de novembro. O encontro irá ocorrer das 9h às 18h, no auditório do sindicato para deliberar sobre a pauta: planejamento para o período 2018 - 2020; organização sindical da Seção Sindical no contexto de multicampia; alterações do regimento: Por que alterar? E o que alterar? Grupos de Trabalho do ANDES; balanço financeiro; nível de sindicalização na Ufam e o que houver. Ao final está prevista a comemoração dos 39 anos da entidade com cerimônia de premiação do Concurso Cultural do Selo Comemorativo “40 anos ADUA”.

boletim ADUA

O boletim ADUA é uma publicação da Associação dos Docentes da Ufam - Seção Sindical do ANDES-SN.

Diretoria:

Marcelo Mario Vallina (Presidente), Milena Fernandes Barroso (2º Vice-presidente), Ana Cristina Fernandes Martins (1ª Secretária), Nereide de Oliveira Santiago (2ª Secretária), Ana Lúcia Silva Gomes (1ª Tesoureira) e Leonardo Dourado de Azevedo Neto (2ª Tesoureira).

Diretora responsável:
Milena Barroso

Assessoria de Comunicação:

Anderson Vasconcelos (SRTE-AM 459)
Annuelle Bezerra (SRTE-AM 491)
Daisy Melo (SRTE-AM 219)

Designer:

Rafael Miranda

Projeto gráfico:

Rafael Miranda

Endereço:

Av. Gen. Rodrigo Octávio, 6200, Campus Universitário da Ufam, Coroado I, CEP: 69080-005
Manaus - Amazonas

E-mail da secretaria:

aduasindicato@gmail.com

Fale Conosco

 (92) 98138-2677

www.adua.org.br